

SOBRE A INFÂNCIA, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO EM WALTER BENJAMIN

ABOUT THE CHILDHOOD, EXPERIENCE AND EDUCATION IN WALTER BENJAMIN

Maria Angélica Cezario¹

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões de Walter Benjamin a respeito da infância como um tempo favorável à construção da experiência. Busca elucidar a importância dos brinquedos e dos jogos para a elaboração dos significados da vida, favorecendo a construção da experiência infantil. A discussão central considera a infância como um momento de resgate das formas primitivas de linguagem, em que a narração, a tradição, a representação e as brincadeiras são elementos fundamentais para que a experiência aconteça.

Palavras-chave: Infância. Educação. Experiência.

ABSTRACT: This article presents Walter Benjamin's reflections about childhood as a favorable time to building experiences. It seeks to expand on the importance of toys and games for building life meanings, favoring the construction of childhood experiences. The central discussion considers childhood as a time of reclaiming primitive forms of language, in which the narration, the tradition, the representation, and also the games are key for experiences to happen.

Keywords: Childhood. Education. Experience.

Introdução

Na atualidade, a infância possui destaque e é objeto de grande preocupação nos

¹ Mestre em Educação. Docente do Instituto Federal do Pará.
e-mail: mangelicacezario@gmail.com

documentos legais. A Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), dentre outros documentos, reafirmam o direito e a importância da criança frequentar uma instituição de ensino. Ainda, com a emenda do artigo 208 da Constituição Federal do Brasil (1988), as crianças, a partir de quatro anos, compõem o quadro de alunos em idade escolar obrigatória. De qualquer forma, a criança, sujeito da contemporaneidade, faz parte dos assuntos prioritários, desde a década de 1980, na sociedade brasileira.

Segundo os documentos legais, as instituições devem assegurar à criança um espaço para se expressar e construir seu próprio mundo de significados. Ao mesmo tempo em que preveem essas vantagens, corroboram, sobretudo, para que a criança incorpore certos hábitos, conhecimentos e condutas previstas, exigidas pela tradição escolar.

Mesmo com os avanços desse pensamento sobre a infância, muitos estudos ainda a concebem como uma categoria universal, sem especificidades, peculiaridades e historicidade, tal como os discursos jurídicos e legais preveem. Faz-se necessário, então, ouvir as crianças e observar o mundo como elas o contemplam, valorizando-as como sujeitos de um tempo específico e que desfrutam da vida de modo diferenciado dos adultos. Assim, Benjamin (2007) realiza reflexões a respeito da criança, da infância e da educação opostas aos discursos vigentes, causando polêmicas no mundo atual.

Infância como um tempo de experiência

Crítico de seu tempo, o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), nascido em Berlim, teceu contestações a respeito da pedagogia e de suas técnicas. Seus conceitos estão enraizados na experiência, tradição e memória, semeados em suas obras, as quais, muitas vezes, realizam narrativas a respeito da infância, buscando descrevê-las com um olhar de criança. As obras de Benjamin deixam preciosas reflexões e nos remetem a pensar a criança além dos escritos legais e das instituições de Educação Infantil, transcendendo os muros da escola. O autor marca, portanto, o século XX, com pressupostos que não são e não poderão ser esquecidos.

Em sua filosofia, transcende os significados que a cultura possui e, refugiado na influência filosófica e até mesmo poética, reflete sobre o tempo dos acontecimentos da vida, para que não passem ligeiros e despercebidos, mas que se transformam em marcas e formas

de interpretar e pensar o mundo. A infância, nessa medida, pode ser uma potência que carrega muito mais do que um momento de preparação, mas um conjunto de momentos que constituirão um sujeito mais humanizado.

Benjamin (2007) presenciou o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual o homem encontrou as mais desumanas formas de violência, e denunciou a falta de experiência ocasionada pelo aligeirado tempo que passou pela vida. Ressaltou que as situações do dia a dia não se conectam e afetam o subjetivo dos homens, tornando-se, apenas, vivência que passa pela vida sem estabelecer uma relação de significados. A infância, segundo Benjamin (2007), está ligada à experiência, visto que nela as sensações sobre o mundo e as pessoas que o cercam formam a identidade do sujeito (GAGNEBIN, 1997).

Na obra *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*, Benjamin (2007) não traz conceitos sistematizados a respeito da educação; ao contrário, evidencia duras críticas em seus textos e o modo pedagógico de fazer educação, valorizando, apenas, o saber institucionalizado. No texto “Experiência”, destaca que a experiência do adulto se encontra disfarçada, rígida, repetindo a mesma lógica, sendo impermeável. Pelo fato de o adulto já ter experienciado determinadas situações, fecha-se a possibilidade do novo, abrindo-se espaço para o desgosto. Enrijecido pelo fato de acreditar ser portador das mais diversas experiências que a vida lhe proporcionou, enuncia, com ares de triunfo, que nenhuma novidade o espera (BENJAMIN, 2007).

Ao demonstrar a limitação da experiência que os adultos ou os mais experientes julgam ter, Benjamin (2007) sinaliza que essa experiência não se traduz na experiência verdadeira que outrora liberta o homem do tédio. Apoiando-se somente em situações anteriores, a experiência do hoje passa de forma momentânea, escapando o novo, o imprevisto. Engessado no ontem, o homem sem experiência é como o filisteu que, para Benjamin (2007), encontra na vida um desalento enraizado no passado sem sentido. Incapacitado de ver a grandeza da vida, o filisteu segue estéril. Sem a busca pelas experiências, vivencia o seguro, rumo ao encontro da monotonia.

Todavia, a experiência “possui conteúdo”, e a busca por ela pode causar aflição ao tentar encontrar uma essência (BENJAMIN, 2007, p. 23). O caminho para a experiência é novo e, quando surge, cada trajetória será inédita. Nesse sentido, a vida adulta, enrijecida pelo amontoado de circunstâncias passadas, reproduz o que já aconteceu, enquanto as crianças carregam a potência do novo, do começo e do recomeço, favorável à criação do original.

Gagnebin (1997) também destaca que a infância concebida como um tempo de fazer

experiência supera a ideia de que esta precisa ser corrigida. Uma educação a favor da experiência benjaminiana parte do pressuposto que as crianças, ainda que não possuam o domínio da linguagem, são capazes de manifestar-se de diferentes modos, aproximando-se da arte.

Na verdade, “o que interessa para Benjamin é tentar elaborar uma certa experiência (*Erfrahrung*) com a infância. Essa experiência é dupla: primeiro, ela remete sempre à reflexão filosófica contemporânea abre nesse campo de ressonâncias mútuas entre a infância e pensamento” (GAGNEBIN, 1997, p. 181). Assim, a infância se desloca da idealização do outro, muitas vezes idealizada pelos pais, pela família, pelos educadores etc., e passa a ser o lugar daquilo que não foi plenamente elaborado, configurando-se em uma potência.

Ainda mais, Gagnebin (1997), referindo-se a Benjamin, enuncia que as crianças possuem a possibilidade da elaboração do novo, diferentes dos adultos que se engessam em suas estabilidades construídas. Na infância, assim, pelas falhas, pelos significados ainda não elaborados e pela puerilidade, é que se dá a inconclusão do homem, possibilitando uma metáfora do potencial.

A brincadeira e o brinquedo

No texto “Velhos brinquedos”, Benjamin (2007) explora a ideia das variedades desses artefatos como objetos de grande significado para diversas áreas do conhecimento. Nos museus, como, por exemplo, o *Märkisches Museum*, localizado na Alemanha, Benjamin destaca o encantamento dos adultos pelos brinquedos. No entanto, salienta que sua atração por eles “não se trata de uma regressão maciça à vida infantil”, quando deseja brincar (BENJAMIN, 2007, p. 85). Explica que o brincar é uma maneira de libertação e criação de significados próprios que o sujeito encontra em si mesmo e não pode ser explicado na ordem da utilização e instrumentalização.

Sobre isto, ressalta:

Coisas do tipo não se encontram evidentemente na exposição. Mas há algo que não pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos -, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar. Uma vez extraviada, quebrada e consertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças (BENJAMIN, 2007, p. 87).

Para o filósofo, os brinquedos são possibilidades de fazer experiência, mas por causa técnica, em que tudo deve estar atrelado a uma utilidade imediata, essa oportunidade é anulada. Opondo-se à perspectiva da pedagogia burguesa de instrumentalizar aquilo que é da ordem do sensível e que valoriza apenas a criança, na instituição, recebendo educação formal, Benjamin (2007) rememora seu tempo de escola como sendo penoso.

[...] conhecemos outros pedagogos cuja amargura não proporciona nem sequer curtos anos de “juventude”; sisudos e cruéis querem nos empurrar desde já para a escravidão da vida. Ambos, contudo, desvalorizam, destroem os nossos anos. E, cada vez mais, somos tomados pelo sentimento de que a nossa juventude não passa de uma curta noite (vive-a plenamente, com êxtase!); depois vem a grande “experiência”, anos de compromisso, pobreza de idéias, lassidão. Assim é a vida, dizem os adultos, eles já experimentaram isso (BENJAMIN, 2007, p. 22).

Ao tecer uma crítica sobre a pedagogia moderna, que delega obrigações aos alunos desde cedo, desconstrói a ideia do aluno educado dentro de uma instituição, assumindo, o mais breve possível, os compromissos e a seriedade da vida (BENJAMIN, 2007). Desse modo, torna-se no mínimo polêmico ao criticar a pedagogia pragmática, que visa somente à aplicação da experiência como sendo o único jeito de construir aprendizagens.

Na educação, ao tornar o brinquedo e as brincadeiras como instrumentos a favor da aprendizagem, apenas, a abertura para o novo é minimizada e a linguagem humana se detém a um mundo limitado, onde tudo necessita ser aproveitado para fins educativos. Na infância, as crianças têm a possibilidade, por meio do brinquedo, de revisitarem lugares já adentrados, criando o inédito, por isso deve ser valorizado. Nesse sentido, Jobim e Souza ressaltam que:

Na infância, a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem se caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam. Para a criança, o brinquedo preenche uma necessidade, portanto a imaginação e a atividade criadora são para ela uma necessidade; portanto a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente, constituidoras de regras do convívio com a realidade. [...] a criança, ao inventar uma história, retira os elementos de sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo (JOBIM e SOUZA, 2009, p. 148).

Entender a escola a partir dos fragmentos, segundo Benjamin, não é percebê-la como uma instituição a serviço da instrução, apenas. É ser convidado a analisar os processos pedagógicos, compreendendo que, ao rememorar o passado, idealiza o futuro, deixando o presente estático. Sem a transformação do presente, o homem transita entre passado e futuro sem esperança de que, no agora, poderá haver mudanças, poderá deixar marcas (KRAMER, 2008).

É possível identificar esse impasse também nas escolas, onde o tempo para as conversas, relações e compartilhamentos se torna pequeno, mediante um currículo cheio de

conteúdos, no qual o professor tem de organizar o tempo a favor da aprendizagem. O tempo da infância está fortemente vinculado ao tempo do aprendizado, de forma que se torna impossível pensar a infância distante da instituição escolar. Dessa forma, não há lugar para a criança na sociedade, a não ser a que seja a criança escolar. A infância é escolar, é a escola que dá identidade à criança, na atualidade.

Na contramão dos discursos atuais, a criança, para Benjamin, não é organizada, é agitada, fantasiosa, não gosta dos compromissos sérios, carente e vislumbrada com o mundo. O referido autor, nas observações de Jobim e Souza (2009), observa a criança em seu contexto sociocultural para além dos aspectos cognitivos, consciente, evidenciando traços que por vezes são apagados pelo discurso pedagógico pragmático.

Sobre os brinquedos, Benjamin (2007) acusa que, com a explanação da indústria cultural, esses instrumentos que antes eram originados da criação das mãos do homem passam a ser objetos descartáveis, produzidos em larga escala. Como uma mercadoria fetichista, possibilita pouco espaço para a representação e interpretação inédita.

Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai do controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais (BENJAMIN, 2007, p. 92).

Os brinquedos industrializados, nessa perspectiva, impossibilitam a construção e desconstrução que as crianças podem realizar com esses objetos. O brinquedo, muitas vezes, tem sido construído para a criança consumir e reproduzir o meio social, dificultando, assim, as possibilidades de criação que pode trazer. Por isso, elege “madeira, ossos, tecidos, argila” como materiais mais adequados na construção de brinquedos para as crianças, por sua capacidade de modelagem e flexibilização (BENJAMIN, 2007, p. 92). Destaca, ainda, que os brinquedos, quanto mais fiéis às brincadeiras dos rituais, tradicionais e arcaicas, mais se aproximam da brincadeira legítima.

Mimese e a linguagem

Gagnebin, (1997) referindo-se à mimese, destaca que, nos primórdios de Platão, a música e a ginástica faziam parte da educação corporal. Era, na expressão do corpo, na expressão da essência e delicadeza da alma, chamada mimese. No entanto, exprimir o que essa palavra tem a considerar é tarefa difícil, pois, pensá-la apenas como imitação é reduzi-la

de sentido. Na filosofia platônica, a mimese pode ser elemento perigoso, por convidar a alma a imaginar o fantasioso, fugindo de representações da realidade.

Diferente da “luta ideológica” de Platão, a qual persegue representações vinculadas a uma realidade objetiva, Aristóteles concebe a mimese como um espaço de aprendizagem dos homens de forma inédita, e está conectada à arte (GAGNEBIN, 1997, p. 83). Assim, a arte é portadora de mimetismo, por sua capacidade de representar, o que faz com que a mimese seja elemento presente nas criações e formas de construir conhecimento favoráveis à formação humana. Dotada de subjetividade, a arte é espaço das mais diferentes criações e até mesmo encantamentos por parte de seus espectadores e que expressam semelhanças com a realidade.

Mesmo sem refletir sobre a conexão entre a mimese e a linguagem, Aristóteles ao valorizá-la, dá um espaço “lúdico” para representações, destacando-a como importante para os homens (GAGNEBIN, 1997, p. 85). No entanto, a consideração do referido autor delinea uma possível conexão entre a mimese e a palavra que, posteriormente, pode ser pensada no campo da linguagem.

Sobre a linguagem e a representação mimética, Gagnebin destaca, como importante, considerar as crianças nesse processo:

Podemos tentar pensar agora juntos esses dois pontos de reflexão aristotélica e chegar ao seguinte resultado, decisivo para uma teoria “positiva” da *mimesis*: a *mimesis* designa um processo de aprendizagem específico do homem (e, em particular, das crianças). A aquisição de conhecimentos é favorecida pelos aspectos prazerosos do processo. (GAGNEBIN, 1997, p. 86).

Ao referir-se à mimese e à infância, Gagnebin (1997) elucida que, para Benjamin, esse elemento tem papel central. Por se concentrar nas ações infantis, expressas nos jogos e brincadeiras, a mimese se assemelha à perspectiva aristotélica de perceber que, por meio dela, é possível aprender de forma aprazível. É na possibilidade de produzir elementos semelhantes ao da realidade, como as produções artísticas realizam, que a criança realiza suas representações.

Nessa direção, Benjamin (2007) reflete sobre o homem e a linguagem. Salienta, ainda, que a linguagem originalmente surgiu como pura expressão do homem e não significa, necessariamente, aglomerações de palavras. Linguagem, para ele, é pura expressão, mas tem sido usada de modo profano, reduzindo-a em apenas comunicação. A linguagem tomada como instrumento secular é reduzida em suas potencialidades (SOUZA, 1994).

Buscando na natureza as formas primitivas de linguagem, Benjamin destaca que, na mimese, é possível representar as similaridades da natureza. É ao imitar que o homem, de

modo ativo, estabelece suas primeiras noções, reconstruindo significados já inseridos. Nesse ponto se difere dos outros animais, que também imitam o que percebem na natureza. O homem, por sua vez, utiliza-se da imitação para reconstruir a si mesmo, dado que a representação mimética é a forma de elaborar a experiência. No entanto, a mímese tem perdido espaço para a ciência, visto que a razão prevalece, fazendo declinar o sublime.

Quando a linguagem é usada de modo a suprimir a essência humana, torna-se apenas um artefato técnico e limitado. Desse modo, torna-se necessário libertar o homem e fazer com que venha ao encontro dessa liberdade perdida, recuperando suas formas de manifestação e expressão. É possível identificar que essa linguagem verdadeira, isto é, na mímese, pode ser encontrada nas manifestações lúdicas da criança (SOUZA, 1994).

A história evidencia que muitos povos utilizaram ou ainda utilizam a faculdade de representar para compor seus rituais e tradições. Muitos jogos, danças e atividades folclóricas, dentre outras, expressam essa condição da linguagem como imitação, recriação e possibilidades de narrativa. Essas práticas culturais evocam a sensibilidade dos homens e abrem espaço para o sublime e, por isso, devem ser valorizadas.

Nos jogos e brincadeiras tradicionais é possível identificar a mímese, visto que os adultos e as crianças assumem papéis e ressignificam a cultura do mundo, compondo suas próprias representações na tradição, na arte, na narração, na escrita e nos signos. Essa interpretação mimética das crianças também inaugura o reencontro do homem com as formas originais de construir linguagem, não se restringindo, apenas, à imitação. Assim, esse mundo de representações faz remanescer a mímese como uma produção artística e sublime, de forma autêntica, por isso deve ser valorizada (SOUZA, 1994).

Nas brincadeiras fantasiosas das crianças, podem-se encontrar as mais diferentes criações. Quando fogem dos roteiros já instituídos, uma nova ordem se estabelece: a ordem da criação e liberação do imaginário. Quando inventa novas possibilidades, visita lugares recalçados, pois podem operar no nível do inconsciente. Benjamin aproxima a ideia de brincar com a arte manual, pois na arte manual o artista produz o exclusivo; e isso acontece nas brincadeiras infantis, dado que cada brincadeira é única. Ao brincar, a criança é capaz de inventar, criar, recriar e fazer de novo tudo que já começou, e “Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas [...]” (BENJAMIN, 1984, p. 238).

Nesse contexto, o jogo, a brincadeira e a representação ganham vida, aflorando a imaginação. Sobre isso, nas críticas de Benjamin (2007), o brincar não deve ser concebido do

ponto de vista do adulto, mas da criança. Para ter a possibilidade da criação do novo, do artístico, deve-se desfrutar do brinquedo a partir do que as próprias crianças conseguem fazer dele.

Vale a pena ressaltar que a brincadeira é um momento de refúgio, no qual as crianças se isolam do mundo dos adultos e criam um espaço só delas. Na imaginação dos pequeninos, um pedaço de pau pode virar um cavalo, uma caixa vazia transformar-se em uma casa ou um graveto em avião. Na contramão da razão, Benjamin (2007) valoriza os atributos que as crianças dão a objetos aparentemente inutilizados, relevando as riquezas das pequenas ações infantis.

Nessas representações, os jogos, as brincadeiras e o brinquedo ganham vida e a imaginação aflora, compondo uma rede de representações. Para ter a possibilidade da criação do novo, do artístico, as atividades lúdicas devem ser curtidas a partir do que as próprias crianças conseguem fazer delas. Quanto mais próximos as brincadeiras e os brinquedos estão da realidade, mais a imaginação se oculta, pois, diante dos significados dados pela cultura, o sujeito minimiza a capacidade de criar (BENJAMIN, 2007).

As brincadeiras dirigidas, nesse sentido, pouco oferecem às crianças a possibilidade do autêntico. É com louvor que Benjamin (2007) se refere aos brinquedos autênticos, produzidos artesanalmente, visto que representam a criatividade e a potencialidade de envolver a criação.

Considerações finais

Os marcos legais sobre a criança e a escola demonstram preocupação em oferecer um ensino de qualidade às crianças pequenas, principalmente em fazer com que elas frequentem instituições de ensino regularmente. No entanto, essa perspectiva de escolarização ofusca tudo aquilo que a criança pode ser, ao considerar, apenas, os discursos da criança dentro da instituição, ou seja, a criança institucionalizada.

Em contrapartida, a partir da experiência na infância, a criança é a protagonista de suas próprias criações, (re)produzindo cultura. Neste sentido, os brinquedos e as brincadeiras se tornam uma possibilidade de recriar significados dados pelo mundo dos adultos, uma vez que favorecem a linguagem e autenticidade nas mais diferenciadas formas de representação.

Na linguagem, as formas originárias de representação podem ser encontradas, especialmente, na tradição e nas brincadeiras. Destarte, para se resgatar a essência da

linguagem humana, o homem precisa romper com conceitos reificados pela cultura e favorecer um reencontro consigo mesmo. Considerando-se essa possibilidade, a infância é o momento oportuno para tal conquista, visto que nela se constroem experiência e linguagem.

Diante dessa possibilidade, refletir sobre a infância, os brinquedos e as brincadeiras é tarefa complexa e extravagante diante dos desafios atuais. Na contramão do discurso de pragmatismo pedagógico, no qual a criança é concebida apenas como sujeito do cognitivo, Benjamin (2007) procura, em sua profundidade, compreender a criança como um ser na totalidade e que faz experiência. Os pressupostos benjaminianos convidam a olhar o mundo pelo avesso e a ver a criança além das instituições de ensino, dando outro lugar à criança. Nesta ótica, a infância ganha destaque único.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas - 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____, Walter. **Rua de Mão Única**. Obras Escolhidas 2. Trad. Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 2007.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9.394/96. Brasília : 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 05 de outubro de 1988.

_____. **Lei nº. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____, Jeanne Marie. O conceito de Mimese no Pensamento de Adorno e Benjamin. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 81 a 106.

_____, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In GAGNEBIN, Jeanne Marie: **Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 169 a 184.

KRAMER, Sônia. Educação a Contrapelo. Benjamin pensa a educação. **Revista Educação especial: biblioteca do professor**. v. 7, Editora Segmento, 2008.

SOUZA, Solange Jobin. Walter Benjamin: a linguagem como expressão crítica da modernidade. In SOUZA, Solange Jobin: **Infância e Linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 137-154.